

Povos Indigenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense Class.: 226
 Data 22/05/80 Pg.: _____

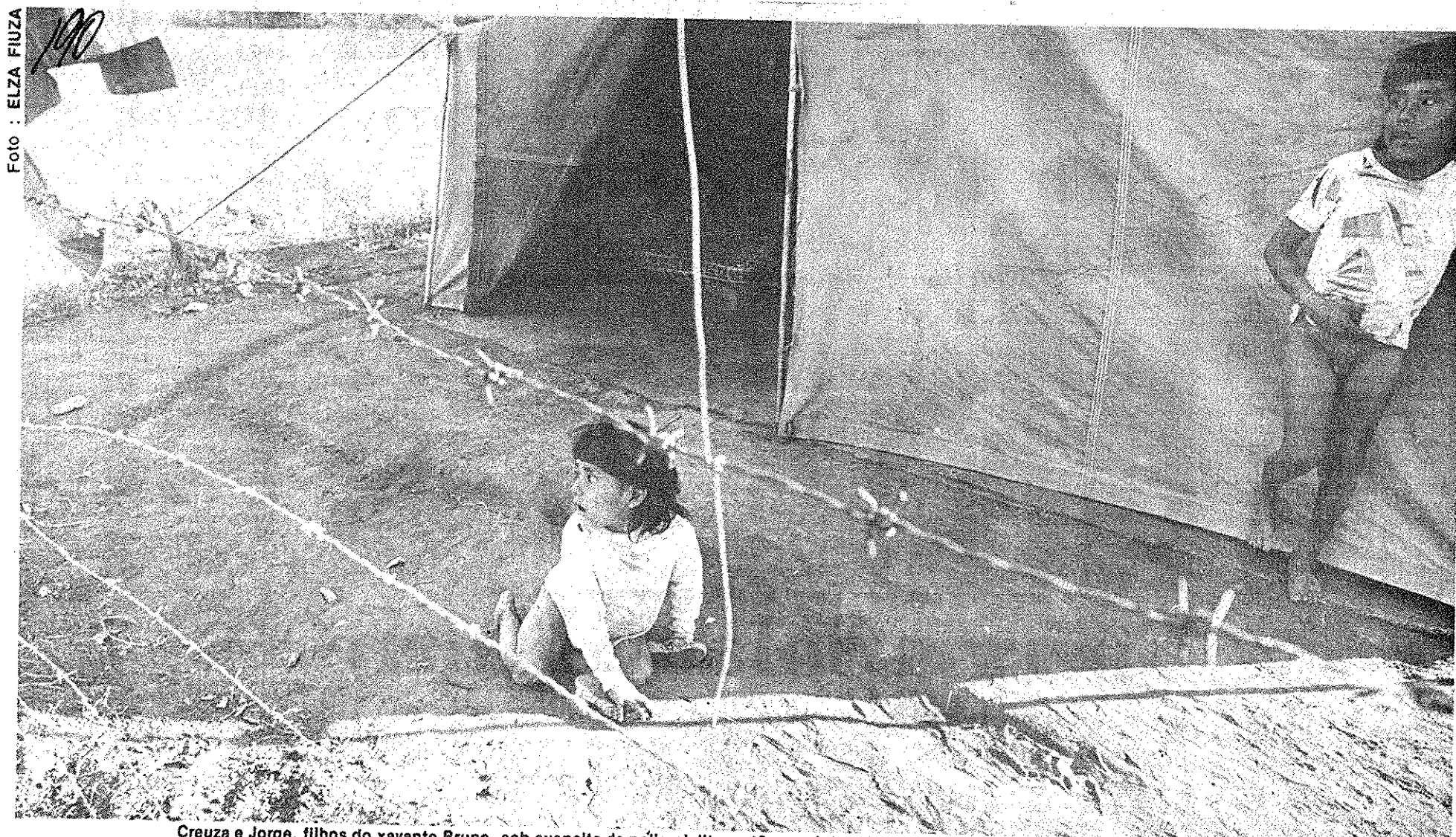


Foto: ELZA FIUZA

Creuza e Jorge, filhos do xavante Bruno, sob suspeita de póliomielite, estão no alojamento à espera de um médico, há mais de um mês

Terena vê corrupção na Funai

E diz que há xavantes com suspeita de pólio em hospedaria mantida pela Fundação no DF

AVELINO DO VALE

Duas crianças Xavantes, sob suspeita de poliomielite, esperando com o pai em uma barraca de lona, aproximadamente há um mês, sem terem ainda recebido atendimento médico, e uma mulher com catapora, alojada em um pequeno quarto, juntamente com outras seis mulheres e 10 crianças, uma já com sinais da doença, confirmam, no alojamento para seus tutelados mantido pela Fundação Nacional do Índio, em Brasília, na Casa do Ceará, instituição destinada a migrantes, as denúncias feitas pelos caciques Itamaráí, da nação Guarani, e Aniceto, da Xavante. Os índios, no entanto, dizem nada ter contra a Casa do Ceará, "a culpa é da Funai", afirmam.

Em busca de tratamento médico, com exceção de três Xavantes, acampados em outra barraca de lona devido à falta de vagas, à espera de uma resposta da Funai sobre a demarcação da Reserva de Kuluene - Mato Grosso, 60 índios, assim como os migrantes e funcionários que trabalham na Casa do Ceará, estão expostos aos perigos do contágio e de virem até a propagar doenças nas 12 nações indígenas de origem, quando voltarem a elas.

CORRUPÇÃO

A situação da hospedaria já foi denunciada à própria Funai, por Marcos, um Terena que mora nela, juntamente com outros 14 índios de mais cinco nações, estudando em Brasília. Ele denunciou inclusive corrupção, sem que providências tenham sido tomadas. Segundo Marcos Terena, a denúncia foi feita ao diretor do Departamento Geral de Operações, coronel Godinho, contra a assistente social Ildete Gir. Ele explica que "ela tem em seu poder dinheiro para comprar medicamentos e, muitas vezes, roupas, para índios que delas precisam, e só compra na Casa Nordeste". A Casa Nordeste, diz Marcos, "é localizada em uma entreequadra, na 302 ou 304, não lembro bem agora, Sul".

"Nós observamos isso há muito tempo", prossegue, "ela só faz compras lá e nós sabemos o porque". Embora prefira não detalhar esse porque, Marcos acrescenta que "a Kombi do DGO, destinada ao serviço de transporte dos índios em Brasília, fica à disposição dela. E ela, muitas vezes, paga as suas prestações, vai ao colégio buscar a filha, em serviço particular...".

A camioneta não tem controle... "Muitos índios, hoje" - quinta-feira, 15 de maio - "chegaram aqui para o almoço, trazidos da sede da Funai, mais ou menos às 12h40min... A Kombi tinha que estar na Funai ao meio-dia, para apanhar os índios e

transportá-los para a Casa do Ceará, de forma a não chegarem atrasados para o almoço, causando transtorno. Como sempre, o carro estava "ocupado".

Marcos Terena lembra ainda um caso que cita como exemplo da situação dos índios no abrigo: "muitas vezes, uma senhora, funcionária da Funai que trabalha aqui como faxineira, tira o plantão noturno como se fosse atendente de enfermagem, quando não está habilitada para isso. Ela não tem culpa disso, faz o que é possível" - ressalva ele, evocando um fato recente para demonstrar isso, o de uma karajá que teve criança no quarto para mulheres, de madrugada. "Diante da emergência, essa senhora se esforçou. Fez o parto - sem material algum, cortou o cordão umbilical com uma tesoura, teve que correr na W/3 - a Casa do Ceará é localizada na W/3 Norte, Quadra 910 - , "Para pegar um táxi, ela já é uma senhora idosa, altas horas da noite, porque aqui só tem um telefone público, que não podia ser usado por falta de fichas, a cantina que vende fecha à noite, e não havia, como não há, carro à disposição para casos de emergência".

Quatro funcionárias da Funai trabalham na hospedaria, uma como chefe, e, segundo esta, duas enfermeiras e uma faxineira. Solicitada a fornecer informações sobre o abrigo, a chefe, visivelmente nervosa, relutou em conversar com o repórter, negando-se a declarar seu nome, alegando receio de punição, caso concedesse entrevista. De acordo com o que acabou por informar, suas atribuições não vão muito além da elaboração de um mapa de controle diário dos índios hospedados, para encaminhamento à sede da Funai ao final de cada mês. Sem disponibilidade de verba e com limitado poder de decisões, Maria das Graças admite que pouco ou nada pode fazer diante dos problemas existentes no abrigo. E, quando há uma situação de emergência, requerendo transporte de um índio para um hospital, como já aconteceu várias vezes, ela prefere fazer uma coleta de dinheiro para pagar um táxi, ou fazer o transporte em seu próprio carro.

DISSEMINAÇÃO DE DOENÇAS

A disseminação de doenças, invertendo uma das principais finalidades do abrigo de índios, começa a ser um risco a partir da chegada de doentes. Sem qualquer exame médico prévio, doentes ou são, eles são alojados em dois quartos, cada um dos quais não ultrapassa três metros de comprimento por dois e meio de largura, um para mulheres e crianças, outro para homens. Há 10 beliches em cada quarto. Quase

sempre, o número de ocupantes é superior ao de leitos. Quinta - feira passada, no quarto de mulheres hospedavam - se 17 pessoas, sete mulheres e 10 crianças, em oito beliches - dois estavam sem colchões - e uma rede.

Em um dos beliches, Carmelita, uma Xavante da Reserva de São Marcos (MT), com dois filhos, Deusdado, de 4 anos e Brasilino, mais novo, de idade que a mãe não sabe precisar, conta que está no abrigo há cerca de três semanas. Veio em busca de tratamento para Deusdado, que é excepcional, em consequência de uma queda pouco depois de nascido. Ela espera que o menino seja internado em um hospital, conforme lhe foi prometido. Enquanto conversa com o repórter, passa uma pomada em Brasilino. Acha que "ele está com alergia". Mas comenta, a seguir, temerosa: "Tem uma mulher que deita ali" - aponta para outro beliche - "que tem catapora".

A mulher com catapora é Angela Maria Monteiro. "Branca", está no abrigo por sua condição de mulher de um índio, João, de um grupo que informa ser a "Guapenu, que vive no Amazonas". Angela Maria está no abrigo há mais de um mês, "para fazer operação de bexiga; Já fiz todos os exames, mas o médico ainda não marcou a operação", a pergunta sobre as marcas em seu corpo, responde que "peguei catapora no quarto".

No quarto de mulheres, abafado pelo teto baixo, dentro do qual todos usam um pequeno banheiro, Mutáí dorme na rede, enquanto sua mãe olha Jutáí brincar solitariamente, sobre uma esteira, na área externa. Jutáí usa pernas mecânicas e muletas, ganhou após a operação a que foi submetido. Indiará, a mãe, lembra que "ele pegou paralisia infantil no dia 3 de julho, vai fazer três anos. Depois dele, já teve outras duas crianças com paralisia na aldeia", de Barra Velha, às proximidades do Monte Pascoal. Recorda também que "chegamos no dia 20 de fevereiro do ano passado". Prestes a retornar para a aldeia de Coroa Vermelha, para onde a família mudou-se, Carmelita aguarda apenas "o resultado do exame de minha mãe", Isabel. Ao retornar, ela e seus parentes poderão levar para os Pataxó doenças que não tinham.

Na expectativa do retorno para sua aldeia, São Pedro, no município maranhense de Barra do Corda, estão também os Guajajára Maria Rita e seus filhos, Lidoneso e Marcos, tendo no quarto vizinho outro membro da família, Raimundo. "Ele estava muito ruim", diz Maria Rita, referindo-se a Raimundo. "mas agora já está melhor". Ela está sendo tratada de "uma doença na barriga".

A Karajá Brocó, com o marido Mabiore dela separado há aproximadamente um mês, no quarto vizinho, também está prestes a voltar para sua aldeia, em Goiás, depois que o filho do casal, Uaidore, "que tinha muita febre", saiu do hospital, quarta-feira. Desconhecendo o risco de contágio, Brocó anda pelo terreno da Casa do Ceará, tendo Angela Maria Monteiro como companheira de conversa.

"Há muito tempo", na Casa do Ceará, Uruísa, do grupo Urupá, de Rondônia, guarda a filha Xinira, de 3 anos, que está "doente do coração", sair do hospital. No quarto dos homens está seu marido, Timtiose.

UM MÊS DE ESPERA

"Como pai e mãe", o Xavante Bruno diz que está "com saudade de Kuluene", a Reserva de onde nunca saíra antes, após cerca de um mês em Brasília, com os filhos José e Creuza. Os três estão morando em uma barraca de lona, nos fundos do terreno da Casa do Ceará, fora dele, por falta de vagas e porque Bruno não quis ficar com as crianças no quarto dos homens. Enquanto os filhos brincam fora da barraca de piso de lona, sobre o chão de terra, com mosquitos pousando em seus rostos, Bruno revela que não sabe como está a situação dos dois. Médico, ainda não viu. "Dona Ildete falou para esperar...". Diz ele. José e Creuza, cujas idades Bruno não sabe informar, segundo o pai, "têm paralisia". As duas crianças aparentam dificuldade para se locomover. Mas a distância entre os três Xavantes e os outros índios alojados nos quartos do abrigo não os separa. Bruno leva as crianças para passear, contando com outras pessoas, na tentativa natural de minorar sua solidão.

No quarto de homens, a situação não difere da do alojamento de mulheres, a não ser pela ausência de crianças. Quinta-feira passada, nele estavam morando 11 índios, de oito grupos, com as mais diversas doenças. Algumas ainda sequer diagnosticadas, como a de Uirí, um Karajá da aldeia de Santa Isabel de Goiás, Ilha do Bananal. Ele informa estar à espera de uma consulta médica há quase um mês. "Estou só, vim operar os dedos da mão", explica Uirí, mostrando a dificuldade que tem para movimentá-los. Dificuldade de locomover-se, era também, o problema de outro Karajá, Terrabe. Ele quase não estava conseguindo andar. Desde fevereiro em Brasília, já foi operado e convalesce. Assim, como a pequena Xinira, dos Urupá, o problema de outro jovem, Menaine, dos Aramane, de Rondônia, "é coração", diz ele.

Operado, após três meses na capital do país, ele convalesce.

A POSIÇÃO DA UNIND

Para os 14 índios que ocupam um quarto, dividido em dois, por um guarda-roupa, dormindo em seis beliches de um lado e oito do outro, morando em Brasília, onde estudam e, em sua maioria, trabalham para complementar a bolsa de três mil e quinhentos cruzeiros, por semestre, a criação da União das Nações Indígenas - Unind, é uma tentativa de contribuir para a defesa do índio, evitando seu extermínio, conforme afirma Marcos Terena. Sem diretores, a Unind, diz ele, "vê com tristeza a situação dos índios em trânsito", como são chamados os que se vêm encaminhados para tratamento médico em Brasília.

Após revelar que, "de vez em quando, somos ameaçados de ser os pioneiros da emancipação do índio, pelo coronel Ivan Zanon, diretor do Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai", Marcos, universitário de Administração da Faculdade Católica de Brasília, "para, depois de formado, continuar a trabalhar pelo índio", afirma que aguarda a apuração de suas denúncias sobre o abrigo, ressaltando como todos os índios, nada ter contra a Casa do Ceará, onde ele funciona, "ao contrário". E explica, que, diante da situação que eles vivem, assim como seus colegas, estudantes, mais cinco Terenas, de Mato Grosso do Sul, um bororo, um Xavante, dois Karajás, um Bakairi, de Mato Grosso, e dois Tuxás da Bahia - não foi surpresa o protesto e a denúncia contra o abrigo da Funai e a assistência aos índios em Brasília feito por Itamaráí. No último dia 13, Itamaráí chegou à sede da Funai, no Setor Comercial Sul, antes do início do expediente, levando nos braços o corpo de seu filho, morto em um hospital de Luziânia (GO). O índio Guarani colocou o corpo da criança de quatro meses de idade, sobre a mesa da secretária do presidente, culminando assim, as críticas feitas ao órgão, na véspera, no gabinete do Ministro do Interior, Mário Andreazza na Funai, ao ser informado de que o ministro não estava. Entre outras denúncias, na ocasião, Itamaráí disse: "Índios doentes são misturados com bons, na Casa do Ceará, para que todos fiquem doentes".

Os estudantes da Unind, segundo Marcos Terena afirma, em maio a um grupo deles, na Casa do Ceará, apóiam os Xavantes, quando pedem ao Ministro Mário Andreazza a substituição do presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga. Consideram, ainda, os membros da Unind que "a Funai só terá jeito quando for dirigida por quem entende de índio".